

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

GIOVANA SOARES CAMPOS

**Literatura infantil como ferramenta de intervenções sobre questões étnico-raciais:  
uma proposta a partir da Psicologia.**

Uberlândia

2020

**GIOVANA SOARES CAMPOS**

**Literatura infantil como ferramenta de intervenções sobre questões étnico-raciais:  
uma proposta a partir da Psicologia.**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Instituto de Psicologia da  
Universidade Federal de Uberlândia  
como requisito parcial para obtenção do  
Título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Anabela Almeida  
Costa e Santos Peretta.

Uberlândia

2020

**GIOVANA SOARES CAMPOS**

**Literatura infantil como ferramenta de intervenções sobre questões étnico-raciais:  
uma proposta a partir da Psicologia.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Professora Anabela Almeida Costa e Santos Peretta

Uberlândia, \_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2020.

Banca examinadora:

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Anabela Almeida Costa e Santos Peretta (orientadora)**  
Universidade Federal de Uberlândia

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> João Gabriel do Nascimento Nganga**  
Universidade Federal de Uberlândia

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cirlei Evangelista Silva Souza**  
Universidade Federal de Uberlândia

“Ninguém nasce odiando outra pessoa pela sua cor da pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e, se podem aprender a odiar, podem ser ensinada a amar”.

(Nelson Mandela, 1995)

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a meus pais que me deram todo suporte para que eu fizesse esta graduação. A minha irmã que sendo Psicóloga me inspira a ser uma profissional como ela. Agradeço aos amigos que fiz durante a graduação, e também aqueles amigos que fiz na escola e continuam nesta jornada comigo. Agradeço ao meu namorado que muitas vezes me deu suporte e encorajamento. Sou grata também a memória daquelas pessoas que por infelizes motivos não estão mais presentes em minha vida, mas serviram de inspiração.

Um agradecimento especial a minha orientadora Anabela que estamos trabalhando juntas desde 2017, e nesta caminhada aprendi muito com ela.

Agradeço a Deus, que guia minha fé.

## RESUMO

A escola além de ser socialmente responsável pela aprendizagem de conteúdos científicos, também é um espaço no qual a subjetividade de alunos e os professores se constrói. É um espaço importante para que os elementos sociais e culturais sejam repensados de forma crítica, para que se valorize a diversidade étnica. Algo fundamental, pois a presença de preconceito e outras formas de violência pode trazer muitos sofrimentos, além de dificultar o processo de aprendizagem. Este trabalho tem como objetivo propor, a partir dos referenciais teórico-práticos da Psicologia Escolar Crítica, formas de utilizar a literatura infantil como ferramenta para elaborar intervenções que previnam o racismo e outras formas de violência aos negros e povos indígenas. Para isso, utilizamos elementos da Teoria Histórico-Cultural, cujo principal representante foi Lev Semenovich Vigostki. Para o autor a cultura constitui nosso psiquismo, pois somos seres sociais. Ele também aborda as relações entre a Arte e a constituição humana, explicando como a arte proporciona novas percepções do sujeito de si, do outro e do mundo. Assim, primeiro realizamos uma revisão bibliográfica dos aspectos culturais e sociais dos povos negros e povos indígenas, situando pontos importantes das suas trajetórias no Brasil e as formas de discriminação e preconceito. A partir destas informações elaboramos propostas de intervenções para criança de oito a dez anos. Para isto, utilizamos duas obras de literatura infantil, *Amoras e Coisas de Índio*, produções artísticas e nos atos lúdicos, buscando favorecer transformação de suas atitudes e formas de superação do racismo e preconceitos. Esse trabalho pode contribuir para inspirar intervenções relacionadas a temas étnico-raciais nas escolas, favorecendo a auto estima de crianças negras por se sentirem representadas, ampliando a reflexão crítica sobre a realidade e a favorecendo a valorização da diversidade cultural.

Palavras chaves: racismo, literatura infantil, Psicologia Escolar, violência e preconceito na escola.

## ABSTRACT

Besides being socially responsible for learning scientific content, the school is also a space in which the subjectivity of students and teachers is built. It is an important space for social and cultural elements to be rethought in a critical way, so that ethnic diversity is valued. Something fundamental, because the presence of prejudice and other forms of violence can bring many sufferings, besides hindering the learning process. This work aims to propose, based on the theoretical and practical references of Critical School Psychology, ways to use children's literature as a tool to elaborate interventions that prevent racism and other forms of violence to blacks and indigenous peoples. For this, we used elements from the Historical-Cultural Theory, whose main representative was Lev Semenovich Vigostki. For the author, culture constitutes our psyche because we are social beings. He also addresses the relationships between art and the human constitution, explaining how art provides new perceptions of oneself, the other and the world. Thus, we first perform a bibliographic review of the cultural and social aspects of Black and Indigenous peoples, placing important points of their trajectories in Brazil and the forms of discrimination and prejudice. Based on this information, we prepared proposals for interventions for children from eight to ten years old. For this, we used two works of children's literature, *Amoras e Coisas de Indio* (Blackberries and Indian Things), artistic productions and ludic acts, seeking to favor the transformation of their attitudes and ways of overcoming racism and prejudice. This work can contribute to inspire interventions related to ethnic-racial themes in schools, favoring the self-esteem of black children for feeling represented, broadening the critical reflection on reality and favoring the appreciation of cultural diversity.

Key words: racism, children's literature, school psychology, violence and prejudice at school.

## SUMÁRIO

<b><u>APRESENTAÇÃO</u></b> .....	<b>8</b>
<b><u>1-INTRODUÇÃO</u></b> .....	<b>9</b>
1.1 SELEÇÃO DOS LIVROS .....	10
<b><u>2- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: PSICOLOGIA ESCOLAR E ARTE</u></b> .....	<b>12</b>
2.1-A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL COMO PROPOSTA DE INTERVENÇÃO .....	14
<b><u>3- ASPECTOS HISTÓRICOS E CULTURAIS DA POPULAÇÃO NEGRA E DOS POVOS INDÍGENAS</u></b> .....	<b>15</b>
<u>3.1- A TRAJETÓRIA DO NEGRO NO BRASIL</u> .....	15
<u>3.2 A LEI 10.689/02</u> .....	17
3.3 O RACISMO E A IMPORTÂNCIA DO SEU COMBATE NA ESCOLA.....	18
<u>3.4- IDEIAS EQUIVOCADAS SOBRE OS POVOS INDÍGENAS</u> .....	20
<u>3.5 AS REPRESENTAÇÃO DOS INDÍGENAS NO CENÁRIO ESCOLAR</u> .....	21
<u>3.6 Os MASSACRES AOS POVOS INDÍGENAS</u> .....	22
<b><u>4- PROPOSTA DE INTERVENÇÃO A PARTIR DO LIVRO AMORAS</u></b> .....	<b>25</b>
<b><u>5-PROPOSTA DE INTERVENÇÃO A PARTIR DO LIVRO COISA DE ÍNDIO</u></b>	<b>33</b>
<b><u>6- CONSIDERAÇÕES FINAIS</u></b> .....	<b>42</b>
REFERÊNCIAS .....	44
APÊNDICE .....	48

## APRESENTAÇÃO

Desde o início da graduação, eu me apaixonei pela Psicologia Escolar, e dessa forma fui buscando várias experiências na área. Fiz uma pesquisa em uma escola pública da cidade de Uberlândia com professores do Ensino Fundamental I acerca da compreensão deles sobre medicalização. Fiz um projeto de extensão em outra escola pública com crianças do quinto ano, com o tema central sendo a violência escolar. Participei de um projeto de extensão na ESEBA, atuando junto com as psicólogas da instituição e fazendo grupos, organizados no formato de oficinas reflexivas trabalhando temas como Empatia, Amizades Tóxicas, Padrões de Beleza e Comunicação não violenta. E para meu trabalho de conclusão de curso não poderia ser diferente, queria um trabalho sobre a atuação do psicólogo na educação.

Mas afinal, o que me incentivou a fazer um trabalho utilizando a literatura infantil de temática afro-brasileira e dos povos indígenas? Primeiro, sempre fui apaixonada por ler; quando criança, eu e minha irmã quando íamos ao shopping, sempre passávamos na livraria e escolhíamos um livro. Mais velha, eu utilizava da biblioteca da escola e também da biblioteca municipal para pegar livros. Até hoje, ganhar um livro de aniversário, é uma grande alegria. Logo, todas as leituras que eu fiz traziam histórias, e essas me tocavam, cativavam, fizeram com que eu questionasse, traziam um novo conhecimento.

Segundo, sendo uma mulher de vinte e três anos, branca, de cabelos enrolados, sofri muito na escola com apelidos referentes ao meu cabelo. Comecei a usar meu cabelo liso com 12 anos e assim fiquei por 6 anos, até na faculdade conseguir romper com este ciclo. Mesmo não sendo negra sofri com isto. Pensava no sofrimento incalculável de ser negra, ter traços negroides. E presenciei isso em minhas experiências nas escolas, o ódio à cor negra, o desejo de ser diferente, a não afirmação da sua identidade.

O modo como os povos indígenas têm sido massacrados, dizimados e totalmente ignorados, também me afeta. Porque na minha época de estudante nunca me questionei isso? Porque a minha escola parecia indiferente a com este tema? Então, quis realizar um trabalho que não trouxesse apenas reflexões sobre o racismo e outras formas de violência contra a população negra e os povos indígenas, queria propor uma intervenção e disponibilizar uma ferramenta que possa ser utilizada nas escolas. E além de tudo, compreender assim como diz Djamilia Ribeiro (2019), que não é papel apenas do negro falar sobre o racismo, nós brancos ocupamos um lugar privilegiado, temos maiores

oportunidades apenas pela cor de nossa pele. A psicologia deve ter um papel ativo na luta e não basta não ser racista, devemos ter atitudes antirracistas.

## **1- INTRODUÇÃO**

A escola tem como papel principal o ensino e aprendizagem de conhecimentos científicos, mas nela também são reproduzidos valores e atitudes, que podem se referir, na maioria das vezes, aos da sociedade capitalista. Saviani (2011) diz que a função da escola é produzir direta ou indiretamente em cada indivíduo, a humanidade que é produzida de forma histórica e coletiva pelo conjunto de indivíduos. Logo, deve-se identificar elementos culturais que são necessários serem assimilados pelo indivíduo, para que eles se tornem humanos, e descobrir formas mais adequadas para atingir este objetivo. Além disso, cabe à escola proporcionar que as novas gerações incorporem estes elementos herdados, e os tornem ativos no processo de desenvolvimento, produzindo transformações das relações sociais. Logo, consideramos que se torna importantíssimo que a Educação tenha uma posição crítica sobre os processos históricos e culturais, não permitindo que se perpetuem estereótipos, preconceitos e violências.

O preconceito e a violência presentes na sociedade brasileira, também são reproduzidos na escola. Eles são considerados uma forma de violência escolar. Violência não praticada apenas em atos físicos, mas também como violência psicológica, por meio de agressões verbais e exclusão. A presença de violência e preconceito interferem na potencialidade dos sujeitos se apropriarem dos conteúdos curriculares e nas relações sociais e afetivas. Esses fenômenos não são restritos ao espaço escolar, pois há uma produção social que se repete. Esses problemas devem ser resolvidos na coletividade, com a criação de políticas públicas, com melhores condições de trabalho e projetos que ajudem a prática pedagógica (Conselho Federal de Psicologia, 2015).

Ao longo do nosso trabalho serão utilizados termos como racismo, preconceito e estereótipo e explicaremos para melhor compreensão. Barros (2005) diz que raça é um termo que fundamenta o racismo, e foi muito utilizada no século XIX, tal conceito traz a ideia que compomos grupos diferentes, logo temos características inatas, imutáveis. A partir da década de quarenta, alguns sociólogos se recusam a utilizar o termo raça e sugerem o termo etnia, uma vez que raça define os sujeitos a partir de seus fenótipos, e a etnia pela cultura e pelo sentimento de pertencimento.

Para Allport (1953), o preconceito é caracterizado como um ato hostil contra uma pessoa, apenas por ela pertencer a um grupo desvalorizado socialmente. Existem várias formas de preconceito, e uma delas é o preconceito racial. Crochík (1996) explica que o estereótipo é o ato de atribuir características iguais a todos que pertencem a um grupo, desconsiderando outros fatores. Lima e Vale (2004) explicam que:

“ O racismo pode ser distinguido do preconceito por uma série de características. O racismo repousa sobre uma crença na distinção natural entre os grupos, ou melhor, envolve uma crença naturalizadora das diferenças entre os grupos, pois se liga à ideia de que os grupos são diferentes porque possuem elementos essenciais que os fazem diferentes, ao passo que o preconceito não implica na essencialização ou naturalização das diferenças”.

Este trabalho tem como objetivo propor, a partir dos referenciais teórico-práticas da Psicologia Escolar Crítica, formas de utilizar a literatura infantil como ferramenta para elaborar propostas de intervenções que previnam o racismo e outras formas de violência aos negros e povos indígenas. Assim, propomos uma reflexão sobre a violência e discriminação causada aos negros e aos povos indígenas, e como isto é vivenciado na escola. Para isto, foram selecionadas duas obras literárias, o livro Amoras para falar sobre a população negra e o livro Coisas de Índio versão infantil para tratar sobre a cultura indígena. A partir das obras selecionadas, propomos intervenções que ajudem as crianças a refletir sobre os preconceitos e estereótipos em relação a estes povos. Foram pensadas atividades em grupos permitindo que elas criem um maior vínculo, e superem seus preconceitos, e relações violentas. Esperamos também contribuir com intervenções que ajudem psicólogos e também professores a trabalharem as relações étnico-raciais, e que isto incentive outros profissionais de educação a fazerem o mesmo.

### **1.1-A seleção dos livros**

O trabalho foi composto de duas partes, a primeira consistiu em uma revisão bibliográfica sobre a população negra e os povos indígenas, citando aspectos históricos e culturais da sua trajetória no Brasil. Na segunda parte, foram montadas propostas de intervenções utilizando a literatura infantil, para crianças na faixa etária entre oito e dez anos. O objetivo foi incentivar mais empatia, respeito e orgulho em relação às diferentes culturais. As intervenções propostas não se tornam inviáveis sem os livros escolhidos, podendo ser utilizados outros, também podem ser adaptados os números de encontros caso haja necessidade. É importante que os profissionais que realizem estas intervenções,

sejam eles psicólogos ou professores, tenham um conhecimento prévio sobre os povos indígenas e a população negra, e a parte teórica deste trabalho pode contribuir em uma formação prévia. Outro aspecto importante é a articulação das propostas de intervenções com o projeto pedagógico da escola, para que não se tornem ações isoladas. Durante todo o ano escolar é recomendável se manter atitudes contra o racismo e outras formas de violência e o incentivo a ações que valorizem a diversidade étnica. Um exemplo seria que as outras disciplinas também abordassem o tema.

Para a escolha dos livros, foram feitas aproximadamente seis visitas a uma livraria de uma grande rede que está localizada em um dos shopping da cidade de Uberlândia. A procura foi feita pela autora desta proposta, sem ajuda do atendente, pois gostaria de visualizar como os livros das temáticas propostas estavam expostos e acessíveis ao público em geral. Os critérios para a escolha dos livros foram a faixa etária, buscando produções que fossem atrativas para crianças entre oito e dez anos livros com mais figuras, curtos e linguagem acessível. A busca por estes livros na livraria não foi fácil, foram encontrados poucos livros abordando a temática étnico racial, e alguns encontrados julgamos que eram superficiais, não se aprofundavam em muitos aspectos culturais e históricos que foram considerados relevantes para o trabalho. Na busca pela internet, percebemos que existem vários livros publicados com este tema, mas caso a pessoa não pesquise, não conheça artistas negros, se torna restrito o acesso a estes livros.

O livro “Amoras”, escrito por Emicida, foi encontrado na livraria depois de algumas buscas, e ele foi selecionado por tratar de várias temáticas como o orgulho da cor da pele, do cabelo, mencionar líderes negros importantes, respeito a religiões distintas. Tem uma ilustração muito bem trabalhada. Relata sobre uma menina que visita um pomar e percebe que sua cor é igual à das amoras. Ele é escrito em formas de rimas. Pode-se supor que o livro teve uma distribuição mais expressiva devido a seu autor ser um cantor e compositor famoso.

O livro para realizar intervenções com os povos indígenas foi escolhido por meio da internet, em blogs que davam dicas de quais livros são mais recomendados para crianças sobre este tema. Em um primeiro momento encontrou-se uma autora de contos infantis de origem indígena, que faz parte da etnia Tabajara<sup>1</sup>. Seus livros ainda não estando presentes nas livrarias, nos foram enviados pelos correios. Apesar de ser uma

---

<sup>1</sup> Tabajara, A. (2018). Coração na Aldeia, pés no mundo. Uk'a Editorial

leitura muito rica sobre sua história de vida e seu povo, analisamos que seria uma leitura complexa para se trabalhar com a faixa etária escolhida.

O livro “Coisas de índio” foi escolhido devido à riqueza de conhecimentos sobre os povos indígenas, apresentada com linguagem compreensível, e também com a ideia que pouco se sabe a respeito da vida dos povos indígenas. O livro tem um caráter educativo, é dividido em sessões que abordam a cultura dos povos indígenas, como vivem, sua alimentação, trabalho, relações interpessoais, atividades. O livro também foi obtido na mesma livraria. O escritor do livro Daniel Munduruku tem mais de vinte livros publicados, é uma referência e inspiração para jovens escritores indígenas ou para pessoas que queiram conhecer mais sobre a cultura do seu povo.

## **2- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: PSICOLOGIA ESCOLAR E ARTE**

Partimos da premissa que o trabalho da Psicologia nas escolas não deve se reduzir à investigação de fracassos e elaborações de diagnósticos. Deve-se atuar com todos os indivíduos que compõe o contexto escolar, pais, alunos, professores e a comunidade escolar. Pode se trabalhar realizando grupos, rodas de conversas, e até propondo cursos de formação. O foco do seu trabalho não é apenas solucionar possíveis dificuldades no aprendizado, mas também promover relações interpessoais mais saudáveis. Nossa compreensão é baseada em autores como Maria Helena Patto<sup>2</sup>, Marilene Proença<sup>3</sup>, Adriana Marcondes<sup>4</sup> e Marisa Meira<sup>5</sup>. Com isso, acreditamos na capacidade de psicólogos escolares proporem intervenções sobre diversos temas, incluindo racismo e outras formas de violência.

E para basear essas intervenções utilizamos a Teoria Histórico-Cultural. Seu principal representante foi Lev Semenovitch Vigostki. Para ele, a cultura é primordial para o modo como se estrutura o funcionamento psíquico, uma vez que os elementos sociais e valores culturais constituem o sujeito, ou seja, os seres humanos são seres sociais. As características humanas não são inatas, elas se desenvolvem a partir da relação com a cultura e a sociedade. À medida que o homem transforma o meio ele também transforma a si mesmo (Teixeira,2017) Nós nascemos apenas com as funções psicológicas

---

<sup>2</sup> Patto, M. H. S. (1997). *Introdução à psicologia escolar*. Casa do Psicólogo.

<sup>3</sup> Souza, M. P. R. D. (2010). *A atuação do psicólogo na rede pública de educação: concepções, práticas e desafios* (doutorado, Universidade de São Paulo).

<sup>4</sup> Machado, A. M. (1997). Avaliação e fracasso: a produção coletiva da queixa escolar. Erro e fracasso na escola: alternativas teóricas e práticas, 73-90.

<sup>5</sup> Antunes, M. A. M., & MEIRA, M. E. M. (2003). *Psicologia Escolar Práticas Críticas*. Casa do Psicólogo.

elementares e é pelo aprendizado da cultura e nossa interação com os outros, que desenvolvemos as funções psicológicas superiores, tais como o pensamento, atenção, memória, consciência, percepção, pensamento, vontade, formação de conceitos e emoção. O desenvolvimento do psiquismo humano será sempre mediado pelo outro. Vigoski falava justamente da constituição única do sujeito por meio dos processos coletivos (Coelho e Pisoni, 2012).

A Psicologia em conjunto com a Arte é uma forte aliada no trabalho com crianças em escolas. Compreendemos a Arte como manifesta de diversas formas em nosso cotidiano: livros, músicas, poesias, grafites, entre outros. Pessoa (2014) destaca que Vigoski afirma que a Arte é uma aliada essencial na constituição e transformação do ser humano. Ela proporciona e ajuda na expressividade humana, em comunicar o que não consegue ser dito por palavras, atuando na área dos sentimentos. O contato com a Arte permite que o sujeito tenha novas percepções de si, do outro e do mundo.

Serrati (no prelo) explica como Vigoski associa a relação da Arte com o desenvolvimento humano. A autora discute como, em seu livro Psicologia da Arte, Vigoski expressa que a Arte agrega, complementa a vida. Por ser composta pela cultura e seu signos a Arte consegue modificar o que já estava posto, permitindo a construção de novos significados e abrindo espaços para ampliar a constituição humana. Pode-se considerar, também, que por meio da Arte é possível aprender a valorizar e experimentar a coletividade e união.

Assim como diz Pessoa (2014), ao pensar em intervenções da Psicologia no âmbito da Educação, a Arte se torna uma ótima mediadora. Isso acontece pois ao termos contato com expressões artísticas, conhecemos diferentes modos de vida sendo possível pensar e sentir de outras maneiras.

No presente trabalho, também consideramos importantes para as intervenções o uso de atos lúdicos. Wajskob (1995) diz que numa perspectiva sociocultural, brincar é o modo como as crianças assimilam o mundo, seus objetos, cultura e as relações entre as pessoas. Durante a brincadeira elas podem construir relações, formular regras de organização e convivência. Há também a possibilidade de que a atividade lúdica seja um espaço privilegiado de compartilhar diferentes pontos de vista.

Vigotski (2008), em seus relatos sobre brincadeiras infantis, diz que a brincadeira surge de uma necessidade que foi frustrada pela realidade, então a criança cria uma

situação imaginária, na qual ela pode satisfazer desejos que até então não seriam possíveis em sua realidade. Na brincadeira ela pode atribuir outras características a si mesma, interpretar papéis que são desempenhados pelos adultos. Ao brincar, a criança vivencia situações que estão além do seu desenvolvimento real, possibilitando avanços no seu desenvolvimento e aprendizagem. Outra contribuição do brincar é o desenvolvimento cognitivo da criança, pois ela precisará utilizar processos de simbolização e representação que ajudam a alcançar o pensamento abstrato.

A Arte e os atos lúdicos podem colaborar para que as crianças tenham uma visão diferente de aspectos culturais e sociais da sociedade, levando a reflexão, críticas e a transformações em suas atitudes e pensamentos, ampliando possibilidades para a valorização de diferentes culturas. É com base nestes pressupostos teóricos que propomos as intervenções que apresentaremos a seguir.

### **2.1-A importância da literatura infantil como proposta de intervenção**

A escolha da intervenção com crianças se deu devido a se considerar que elas têm a capacidade e potencialidade de refletir criticamente sobre a realidade. E assim, confrontar suas ideias e também a de seus familiares sobre muitos dos estereótipos e preconceitos que são reforçados pela sociedade. O uso de livros infantis possibilita o contato com o respeito, diversidade e justiça, sendo uma ferramenta poderosa na elaboração de intervenções.

Algumas escolas podem limitar o uso da literatura aos contos de fadas, não é errado, mas ela não deve ser a única. Pois como diz Silva (2012) essa literatura foge da realidade brasileira, com apresentação de castelos, príncipes e princesas loiras, e cenários europeus jamais vistos pelas crianças. Isso não faz jus à cultura brasileira, que é formada por uma metade da população que se autodeclara negra.

Silva (2012) aponta que utilizar a literatura infantil de temática afro-brasileira traz benefícios para crianças brancas e negras, pois contempla mais o cotidiano que elas vivem, além de mostrar diversidade. Honorato e Ramos (2015) relatam a experiência em uma turma do Ensino Fundamental I em que foi trabalhado o livro “Cabelos de Lele”. Posteriormente a esta intervenção, meninas negras e brancas passaram a ir para escola com seus cabelos trançados e acessórios. Essa identificação com a personagem negra apenas é possível junto com uma aproximação de outros artefatos que tem uma imagem positiva do negro.

Mas como a literatura infantil tem esse poder transformador? Serighelli e Oliveira (2020) dizem que ela permite que as crianças tenham conhecimento e respeito sobre costumes, tradições, etnias diversas. Utilizando a contação de histórias é possível recriar situações, se identificar com o personagem, sua história, aprender a lidar com as dificuldades, emoções e preconceitos. Além disto, ajuda no desenvolvimento da imaginação e criatividade. A literatura infantil promove reflexões críticas e vivências. É uma ferramenta poderosa para ensinar as crianças a serem conscientes, responsáveis, e usufruam-na conquista de que exerçam seus direitos e deveres sem prejudicar o próximo.

### **3- ASPECTOS HISTÓRICOS E CULTURAIS DA POPULAÇÃO NEGRA E DOS POVOS INDIGENAS**

#### **3. 1-A história do negro no Brasil**

A história do negro no Brasil nos ajuda a compreender todo o racismo que continua sendo perpetuado na sociedade brasileira e porque se torna tão importante falar deste tema nas escolas. Os africanos ao chegarem ao Brasil eram vistos e tratados como mercadorias vindos em navios negreiros, em condições desumanas e utilizadas como mão de obra escrava.

Amaral (2011) diz que os homens e mulheres escravizados não se conformavam com sua condição, e isso pode ser notado pela necessidade do uso da força física para controlá-los. Um exemplo da resistência negra é o Quilombo dos Palmares, que durou aproximadamente de 1590 até 1694, localizado entre os estados de Alagoas e Pernambuco. Os moradores de Palmares conseguiram formar um estado contendo uma estrutura política, militar, social, econômica. Aponta-se que este quilombo recebeu cerca de 30 mil pessoas. Um outro exemplo da resistência negras foram as revoltas como Revolta da Chibata.

Finalmente em 1888 foi promulgada a lei Áurea e houve a abolição da escravatura. Domingues (2005) diz que, em teoria, o negro teria acesso a todos os direitos dos brancos, mas mesmo após sua libertação, os negros continuaram em desvantagem, pois a cor da pele continuava determinando o sucesso individual ou do grupo. O autor aborda também

como o fracasso dos negros que era explicado como efeito de deficiências que eles haviam desenvolvidos devido às consequências dos cativeiros e ao afastamento das escolas.

Silvio Romero que viveu de 1870 até 1910, foi um crítico e historiador da literatura brasileira, baseado na teoria darwinista de seleção natural, recomendava que houvesse uma mistura entre raças, sendo que uma fosse superior, no caso a branca. Logo no final deste processo haveria um branqueamento da população, e com este objetivo surgiram as políticas que incentivavam a imigração de europeus que facilitavam a vinda deles, uma vez que seriam disponibilizadas terras aos recém imigrados. Em contrapartida, procurava-se barrar e evitar a chegada de imigrantes negros e asiáticos, proibindo seu desembarque (Amaral, 2011).

Domingues (2005) aponta que com a miscigenação incentivada pelo Estado, ganha mais força o mito da democracia racial. Isto significa que considerava-se o Brasil um país sem preconceito entre raças. Então, foi criado o conceito de mulato, uma categoria intermediária entre o negro e o branco. Os mulatos tinham acesso eventualmente a direitos civis, políticos e militares. Bernadino (2002) diz que por trás deste suposto mecanismo de ascensão social do mulato, havia um custo alto, que era da pessoa negra ter de abdicar de sua ancestralidade africana, que era considerada negativa. Feitosa (2012) diz que o mito da democracia racial afirma que a sociedade da oportunidade iguais a todos, logo a desvantagem social dos negros seria culpa deles próprios, e isto isenta toda responsabilidade do Estado.

Importante problematizar o termo mulato, que é ofensivo, preconceituoso, e menospreza a população negra. Assim como diz Nunes (2017), o termo mulato é criado para indivíduos filhos de homens brancos com mulheres negras, e a historiografia brasileira denuncia que esses filhos possam ter vindo de estupros e abusos sexuais. O mulato surge para justificar que os brancos teriam uma proximidade com os escravos, mas não pertenciam a mesma raça que os brancos.

A herança mais perversa deixada destas ideias é uma forma velada de discriminação (Feitosa, 2012). É possível perceber isso, analisando as diferenças entre negros e brancos em vários setores de nossa sociedade. Segundo Afonso (em uma notícia da Folha de São Paulo, 2019) a população negra recebia menos no Brasil. Entre os 10% dos que tinha os salários mais altos apenas 27,7% eram negros. Em 2018 as taxas de pobreza, entre pardos e pretos a porcentagem chegava a 32,9% da população, enquanto

entre os brancos a taxa era de 15,4%. Em 2017, segundo o Atlas da Violência, citado por Afonso (2019) 75,5% das pessoas assassinadas no Brasil eram preta ou pardas. Em 2017, segundo o levantamento nacional de informações penitenciárias, 61,6% dos presos eram pretos ou pardos. A taxa de analfabetismo entre os jovens de 15 anos, em 2018, era 9,1% para os negros e 3,9% aos brancos.

O primeiro passo para uma educação antirracista é reconhecer o sistema racista presente em nossa sociedade, aquele que persegue negros, não oferece direitos iguais aos brancos e negros. Também é necessário questionar, pois o silêncio é um mecanismo de manutenção da violência.

### **3.2-Lei 10.639/03**

O racismo pode ser perpetuado pelos livros didáticos. Silva e Meireles (2017) dizem que o ensino de história nas escolas é marcado pelo eurocentrismo e as populações negras e indígenas têm pouca visibilidade. Muller e Santos (2013) denunciam que na escola se conta uma história de heroicos personagens brancos e suas grandes contribuições, sendo passada uma imagem de passividade e submissão da população negra, dando uma sensação de inferioridade deste grupo. A escola contribui para que alunos negros não aceitem sua identidade e desapreciem sua cultura.

A lei 10.639/03 estabelece que as instituições de ensino brasileiras obrigatoriamente implementem o estudo da história e cultura afro-brasileira, com objetivo de pensar sobre a discriminação racial, valorizar a diversidade étnica, e incentivar comportamentos e valores de respeito e solidariedade. Assim, seria apresentada aos estudantes uma história na qual os negros têm um papel de destaque que não seja reduzido a pessoas que foram escravizadas. Eles serão considerados como construtores da história nacional, devendo ser estudadas suas trajetórias, pensamentos filosóficos, cultura e religiões (Lima, 2016). É importante também compreender que os negros africanos que vieram ao Brasil, eram de diversos países da África. Assim, não se pode considerar a África como um todo, mas sim como um continente com diversidade.

Ao planejar atividades para ensinar a cultura afro-brasileira às crianças, é necessário cuidado para que não se torne um exercício carregado de estereótipos. Silva e Meireles (2017) citam projetos que acabam fortalecendo uma folclorização e estereotipagem das histórias e culturas indígenas, africanas e afro-brasileiras. Por exemplo, crianças vestidas como indígenas no dia 19 de abril ou utilizar cartazes com

correntes sendo quebradas no dia 20 de novembro. Ações como estas, não alteram a situação de racismo e outras formas de violência vivenciadas nas escolas. Souza e Pereira (2013) citam atividades consideradas significativas como: confecção de bonecas negras, grupos de trabalhos sobre hip hop, aulas de capoeira, pesquisa sobre literatura e arte africana e criação de uma rádio com programação sobre temática racial.

Este trabalho visa cumprir justamente com a finalidade da lei 10.639/03, pois compreendemos as várias contribuições dos negros à cultura brasileira. O estudo da culinária, das danças, das artes, brincadeiras e jogos africanos são alguns exemplos de atividades que podem ser feitas.

### **3.3-O racismo e a importância do seu combate na escola**

O sofrimento e exclusão causados pelo racismo e sua perpetuação no contexto escolar são os motivos principais da escolha deste tema para a elaboração das intervenções. Torna-se muito nítido este sofrimento ao lermos várias pesquisas sobre o tema. A escolha do tema tem relação também com o desejo de desfazer ideias ingênuas de que o racismo não ocorre com as crianças. A pesquisa de Cavalleiro (1988) nos dá uma boa base para a discussão.

Cavalleiro (1998) fez uma pesquisa, realizando entrevistas e observações em diferentes espaços de uma escola de educação infantil pública municipal localizada na cidade de São Paulo. Constatou-se que as professoras reconhecem que existe o racismo na sociedade, mas dizem que não ocorre em sua escola. Isto pode ser refutado pelas observações, em relação ao comportamento não verbal. A pesquisadora constatou a ausência de figuras, seja em cartazes ou livros infantis, que mostrassem crianças negras. Outro aspecto identificado foi que as demonstrações de afeto e carinho eram maiores com as crianças brancas. A desvalorização da presença da criança negra no contexto escolar pode levá-la a se considerar como inferior e suscitar um sentimento de negação da sua integração ao grupo. E gerar nas crianças brancas um sentimento de superioridade.

Cavalleiro (1998) presenciou cenas em que as professoras diziam às crianças negras que seus cabelos eram armados e deviam ser presos e depois justificavam que havia muito piolho na escola. Atitudes como essas reforçam que o modelo de beleza branco seja desejável, e que crianças não brancas desejam essa estética e tenham vergonha de si. As professoras da escola não se sentiam responsáveis pela manutenção e perpetuação do racismo. Elas também acreditavam que as crianças da educação infantil

eram muito novas e não percebiam ou não se importavam com as diferenças étnicas. Mas tendo a existência do problema, necessita-se culpabilizar alguém, e a culpa recaía na família ou na própria criança negra. As professoras repetiam discursos de que a criança não aceita a sua cor. Logo, prevalecia o mito da democracia racial, tanto crianças como professores desconheciam as práticas racistas presentes em seus comportamentos e palavras.

Cavalleiro (1998) relata que as crianças, em momentos de conflitos, tendiam ter falas preconceituosas, usando o termo negro como xingamento. Diante disso as crianças negras se sentiam paralisadas, com medo, e não contavam aos professores, o que revelava a falta de confiança no adulto para resolver problemas dessa qualidade. O silêncio das professoras, refletia a falta de estratégias eficazes para lidar com esse tipo de conflito, muitas vezes apenas neutralizando o problema dizendo que é lindo ser negro. O silenciamento do conflito surge como uma opção para que o problema suma do contexto escolar e a vítima se esqueça dele. Isso tudo contribui para que as crianças brancas se sintam no direito de repetir seus comportamentos porque ninguém as repreende.

Almeida (2013) realizou oficinas de leitura com alunos do primeiro ano com o livro “Minha mãe é negra sim”. Em uma das atividades pediu que as crianças desenhassem a figura do personagem Enzo que é um menino negro e de cabelos crespos. De 65 figuras apenas 15 retrataram fielmente as suas características. Quando questionadas, as crianças disseram que ser negro e ter cabelo crespo era feio. Uma hipótese levantada pelas pesquisadoras é que ao solicitar que as crianças desenhem pessoas, elas estão muito acostumadas a desenhar indivíduos brancos e com cabelos lisos, que se torna difícil mudar este hábito apenas com uma atividade. Pois tais modelos também são reforçados pela mídia e pela cultura, com a falta de imagens positivas de pessoas negras.

Cavalleiro (1998) diz que o acesso à educação é um direito de todos os cidadãos, mas a escola oferece oportunidades diferentes para alunos brancos e negros, sendo que os brancos são mais aceitos, respeitados. A cor determina um tratamento diferente na escola. Sendo completamente contraditório o contexto escolar não estar preparado para receber crianças negras em um país de maioria negra.

### **3.4- Ideias equivocadas sobre os povos indígenas**

Após a discussão sobre o racismo e a população negra, iremos falar sobre os povos indígenas. Infelizmente, a sociedade brasileira possui muitas ideias incorretas o que contribui para a formação de estereótipos, preconceitos e desvalorização. Freire (2016) trabalha desde 1992 com o Programa de Estudos dos Povos Indígenas, e a partir deste trabalho enumera cinco ideias equivocadas sobre eles. A primeira ideia é sobre existir um indígena genérico, como se fosse uma população única, com a mesma cultura, compartilhando a mesma língua e religião. Habitam hoje no Brasil mais de 200 etnias, falando 188 línguas diferentes. Destas línguas mais de 40 estão em extinção. O desaparecimento das línguas traz prejuízo no âmbito individual e social, pois a língua é um instrumento de reprodução e transmissão de valores próprios, que só podem ser compreendidos completamente em sua língua de origem.

Freire (2016) diz que um segundo equívoco é considerar as culturas indígenas como atrasadas. Os povos indígenas produziram e produzem saberes nas ciências, na literatura, nas artes. Em 1992, o museu Goeldi realizou um estudo sobre a ciência dos kayapó e documentou sua produção sobre agricultura, classificação do solo, pesticidas. Se esses conhecimentos tivessem sido mais valorizados e apropriados pela sociedade brasileira muitos erros poderiam ter sido evitados. Por exemplo, o acidente sofrido pela Usina Nuclear de Angra dos Reis em 1985, que foi construída em um local chamado pelos indígenas Tupinambá de Itaorna, que significa terra podre. Quando a usina começou a ser construída, os engenheiros não sabiam o significado deste nome, que continha informações sobre a estrutura do solo, que por ter grande fluxo de águas pluviais provocava deslizamentos.

Freire (2016) diz que o terceiro equívoco é um congelamento das culturas indígenas, crendo que eles devem andar nus, morar em florestas, como na época da colonização. Logo ver povos indígenas usando roupas ou acessando a internet, causa um estranhamento e a ideia que estão sendo aculturados. Em resposta a tal crença, o autor argumenta que nós, brasileiros, também utilizamos itens produzidos por outros povos como computador, roupas, relógios, e isso não interfere em nossa nacionalidade. A interculturalidade é o resultado da troca que se dá entre diferentes culturas. Tudo que a humanidade produz, que se mostra útil e facilitador, merece ser utilizado pelo resto da população.

Freire (2016) afirma que o quarto equívoco é considerar que os povos indígenas pertencem ao passado do Brasil, e que são um obstáculo ao progresso. Isso é refutado, com o relato de uma experiência arquitetônica realizada em 1985 pelo governo alemão. Eles construíram um conjunto habitacional, mas os moradores não se mostravam satisfeitos. Os arquitetos então foram à tribo dos Kadiweu que fazem figuras geométricas abstratas. Fizeram então uma seleção entre mulheres, pois nesta cultura a pintura é uma tarefa exclusiva delas. Foram selecionadas seis vencedoras e no dia 19 de junho de 1998 as estampas foram transformadas em azulejos, agradando a todos os moradores. Esse exemplo serve para questionar: por que outro país acredita na potencialidade da arte indígena, e os brasileiros não?

Freire (2016) aponta que o quinto equívoco é desconsiderar a presença dos povos indígenas na formação da identidade. O Brasil teve influências das matrizes europeias, das matrizes africanas e das matrizes indígenas. Mas como houve uma prevalência dos portugueses sobre a língua, economia e política, o brasileiro tende a se identificar apenas com o europeu. Todas essas ideias equivocadas podem ser trabalhadas com as crianças, para que elas possam conhecer realmente quem são os povos indígenas brasileiros. Por meio de jogos, imagens e brincadeiras elas podem aprofundar seus conhecimentos.

### **3.5- A representação dos indígenas no imaginário escolar**

O imaginário das crianças sobre os povos indígenas pode ser semelhante ao dos europeus quando chegaram ao Brasil, se não tiverem acesso a uma educação intercultural de qualidade, ou seja, uma educação que valorize a diversidade étnica. Como diz Magalhães (2000) citando o livro *o Diabo e a Terra de Santa Cruz*, de Laura de Melo e Souza, os europeus viam os povos indígenas como irracionais, aberrações e selvagens. Acreditavam que a única solução era a conversão para a cultura europeia. Os jesuítas os enxergavam como bobos, preguiçosos e que a Igreja poderia os salvar.

Em uma pesquisa realizada por Russo e Paladino (2016) em escolas do estado do Rio de Janeiro com professores utilizando entrevistas e observações notou-se que pouco é abordado sobre os povos indígenas. E, muitas vezes, isto é feito por professores que já tinham interesse pelo tema. Há também limitação do material didático, falta de apoio, limitação de espaço e tempo para realizarem suas ações. Algumas ações foram superficiais, sem destacar a diversidade dos povos indígenas. Por exemplo, uma professora que para falar do tema, trouxe um texto sobre plantas medicinais, lendas dos

folclore e banhos diários. Além das pinturas feitas no dia do índio com as crianças de forma generalizada, e cantando canções de músicos não indígenas.

Cavalleiro e Costa (2012) fizeram a análise de alguns livros didáticos adotados pela rede pública de ensino. Os livros transmite a ideia de que não existem povos indígenas na sociedade atual, uma vez que as relações aparecem somente até a época da proclamação da República. Essa imagem de um índio imutável foi reforçada por políticas públicas para que preservassem esse índio romantizado, intocável. (Russo e Paladino, 2016).

Cavalleiro e Costa (2012) também fizeram entrevistas com alunos do 8º ano de uma escola. Quando questionados sobre a terra indígena mais próxima de onde habitavam, apenas 2 de 40 alunos souberam responder. Sendo que a 50 km do local havia a Terra Indígena de Marrecas. Em perguntas como: quem são os indígenas, onde vivem e quais atividades desenvolvem, houve respostas típicas, como eles serem os primeiros habitantes do país, pessoas pobres, que vivem no mato e sobrevivem da caça e da pesca.

Um marco importante é a criação da lei 11.465 de 2011, que torna obrigatório o ensino da história e cultura das populações nativas na rede de educação básica seja pública ou particular (Rodrigues, 2017). Essa lei permite que essa representação imaginária, muitas vezes reducionistas, seja desfeita por meio de cursos, intervenções, e informações que propiciem o contato com a cultura dos povos indígenas.

Devemos questionar nas escolas em que trabalhamos ou na qual iremos trabalhar qual a percepção que as crianças têm dos povos indígenas. Elas sabem quem são? As escolas sabem da lei 11.465 e a estão pondo em prática? É importante não mostrar apenas a história contada pelos europeus, e assim como diz Chimanda Adichie no vídeo “O perigo da história única” é que não conhecer os dois lados da história rouba a dignidade das pessoas, apenas enfatiza como somos diferentes quando na verdade temos muitas semelhanças.

### **3.6- Os massacres aos povos indígenas**

Porque os povos indígenas que eram a grande maioria da população brasileira diminuiram drasticamente? Desde 1550, com a chegada dos portugueses o extermínio contra os povos indígenas, que habitavam o litoral, já se inicia. Loebens e Carvalho (2005) dizem que na Amazônia, entre 1750 e 1850, com a Revolução da Cabana, houve muitas

mortes dos povos indígenas. Depois, com o início do extrativismo de borracha, vieram muitos nordestinos, e para o ganho do seu sustento eles invadiram as terras indígenas. Logo, milhares de povos indígenas e nordestinos morreram para sustentar a elite da borracha.

Loebens e Carvalho (2005) afirmam que os massacres aos povos indígenas se fortaleceram nas décadas de 1960 e 1970, com políticas de desenvolvimento e integração da Amazônia, que começaram a realizar obras para construção de estradas como a Transamazônica. Carneiro, Filho e Souza (2009) relatam sobre a construção da Usina Hidrelétrica de Balbina em 1987 nas terras Waimiri. Houve várias consequências socioambientais: foram inundados 2,3 mil quilômetros quadrados, forçando o deslocamento de duas aldeias, somente para gerar 250 MW. O garimpo também comprometeu estas terras de 1987 a 1990, quando aproximadamente 40 mil garimpeiros invadiram as terras Yanomani, localizadas no Amapá e Roraima, à procura de ouro.

Carneiro Filho e Souza (2009) dizem que um marco importante para os povos indígenas foi o reconhecimento pela Constituição Federal de 1988, do direito deles às suas terras, foi reconhecido que eles já habitavam antes da formação do Estado Nacional. Assim, o seu direito deve predominar sobre os demais. Mas isto não diminuiu os conflitos nas Terras Indígenas. Tem se observado que nos últimos anos, lideranças do agronegócio, empresários do setor hidrelétrico e mineral, entre outros, tem propagado a ideia que a criação de terras protegidas impede o progresso econômico do país e que existem muitas terras para poucos povos indígenas.

Loebens e Carvalho (2005) dizem que a demarcação de terras gera muitos conflitos. Na Terra indígena Raposa, antes de ser demarcada como reserva em 2009, pelo Supremo Tribunal, houve muitos ataques, como sequestros de três missionários e fazendeiros que atearam fogos em comunidades indígenas. Logo, mesmo que a Constituição seja uma vitória para os povos indígenas, não é uma garantia do fim dos conflitos e da tentativa de expulsão dos povos indígenas de suas terras. Como consequência, cresceu o número de violência contra os povos indígenas.

Nos últimos anos, a situação não melhorou. Dantas, C. (em uma notícia do G1, publicada em 30 de agosto de 2020) menciona que o Cimi (Conselho Indigenista Missionário) diz que os casos de violência contra os povos indígenas e invasão em suas terras cresceram, em 2018 foram registradas 109 casos e em 2019 ,256 casos de invasão.

E dentre essas invasões, 107 apresentaram danos ao meio ambiente. Sobre os casos de violência direta aos povos indígenas, em 2018 foram 110 e em 2019 os números mais dobraram, sendo registrados 276 ocorrências. E com o novo presidente da República Jair Bolsonaro a situação parece se agravar. Ele afirma que a demarcação de terras indígenas não será discutida até o final de seu mandato (Costa, R em uma notícia publicada no Correio Braziliense, 16 de agosto de 2019).

Os povos indígenas também sofrem com falta de assistências básicas, que podem levar a problemas de saúde e até resultar em mortes. De acordo com o relatório Violências contra os povos indígenas no Brasil publicado pela Cimi 2018, mostra casos de omissão do poder público, tais como a entrega de casas do programa Minha Casa Minha vida com rachaduras, suspensão de fornecimento de cestas básicas, dificuldade de acesso a água potável e a entrega de medicamentos, além de omissões de socorro. Algumas regiões como o vale do Javari, em que o atendimento era feito somente por médicos cubanos, desde dezembro de 2018 não teve reposição dos profissionais. A Sesai (Secretária especial de saúde indígena) mostra dados da mortalidade infantil indígena, que está muito relacionada à falta de acompanhamento pré e pós natal e também à falta de saneamento básico.

Talvez seja assustador e incrédulo para algumas pessoas pensar em falar sobre violência aos povos indígenas com crianças. Mas não falar seria romantizar os povos indígenas e diminuir sua luta. Eles lutam pelos seus direitos, por suas terras, pela proteção dos animais e da natureza. E muitos têm morrido nesta luta. Acreditamos que quanto mais cedo nossas crianças forem tendo acesso a uma educação que contemple e valorize os povos indígenas e não oculte a violência que eles sofrem, melhor será para o futuro do nosso planeta.

#### **4- PROPOSTA DE INTERVENÇÃO A PARTIR DO LIVRO AMORAS**

Na seção anterior citamos alguns aspectos históricos e culturais relativos à população negra e aos povos indígenas. Eles fundamentam nossas intervenções, e devem ser utilizadas pelos coordenadores das intervenções como conhecimento prévio antes de realizarem as intervenções. A seguir, mostraremos nossas propostas de intervenções sobre a população negra e os povos indígenas. Todas as intervenções foram sistematicamente revisadas pelas autoras, mais de uma vez, sendo discutidas, e pensadas com o máximo de cautela para que não se reforcem estereótipos, preconceitos.

**Primeiro encontro:** Será explicado às crianças que será realizada uma atividade, utilizando o livro Amoras, para falar sobre a população negra. O encontro se iniciará com a contação de histórias do livro Amoras, uma dica seria utilizar música, bonecos, fantoches, para criar um cenário parecido com um pomar e jardim e outros atrativos que prendem a atenção das crianças. Será interessante que as crianças possam ver as imagens dos livros junto com a contação de histórias, e depois o livro possa passar entre elas.

Após a contação, pedir para que elas escrevam em um papel qual é a sua cor de pele, e o que acham dela. Esse é um momento oportuno para falar sobre o racismo, se elas já presenciaram cenas em que alguém foi maltratado pela sua cor, ouviram ofensas, e também se conhecem pessoas que gostam da sua cor. Levar várias imagens de pessoas brancas, negras, com olhos, cabelo, altura diferentes. Explicar que todos os seres humanos são diferentes, e beleza é relativo, pode mudar de acordo com a sociedade, tempo e cultura. Lembrar a história do livro em que a menina se sente muito feliz com sua cor, pois ela descobre que é pretinha como as amoras. Importante que as crianças sejam ouvidas, e a partir disto ir construindo uma reflexão sobre o tema. O objetivo desta atividade é mostrar as diferenças existentes entre as pessoas, incentivando a empatia e o respeito.

**Segundo encontro:** O objetivo será falar sobre as diferentes cores de pele, incentivando as crianças a pensarem nas diferenças e também a reproduzi-las, por exemplo, em seus desenhos. Usa-se muito o lápis de cor de rosa claro como sinônimo de cor de pele. Já existem no mercado caixas de lápis de cor, com lápis com diversas cores de pele, um exemplo é uma loja a “Amora brinquedos afirmativos” além de venderem bonecas de pano negras, quebra cabeças, canecas, e também caixa de giz de cera e lápis de cor com até vinte e quatro tons de pele.

Para esta atividade pode se passar um vídeo, de um canal do Youtube chamado Varal de Histórias, chamado “O menino de todas as cores” que reproduz uma história em forma de música. A história é de um menino branco que viaja para terras desconhecidas e descobre que há meninos de outras cores. Então, ao voltar para sua casa, conclui que todas as cores tinham suas vantagens. E enquanto seus colegas desenhavam apenas meninos brancos, ele desenhava de todas as cores.

Após a exibição da história, pode-se questionar as crianças sobre quais semelhanças elas veem entre o livro Amoras e esta história, e mostrar que ambas as crianças podem estar felizes com suas cores. A baixa auto estima das crianças negras são afetadas por diversos preconceitos, e um deles é a cor de pele, logo se ao longo do tempo for possível reforçar o bem estar e orgulho do seu tom de pele, pode ser possível a fortalecer lutas e enfrentamentos sociais. Depois se possível apresentar a caixa de lápis de cor com tons de pele diferentes, pedir que eles a usem, e desenhem pessoas da sua família, colegas de classes, vizinhos, entre outros. É uma atividade importante para analisar como as crianças veem as cores de pele e para promover que desenhem pessoas diferentes de um padrão branco.

**Terceiro encontro:** O objetivo é discutir sobre os diversos cabelos existentes, seja em suas cores e seus tipos: lisos, ondulados e crespos. Os cabelos lisos e loiros são vistos socialmente como mais bonitos e adequados e os demais são vistos como feios. Isso não se restringe apenas às meninas, aos meninos também se impõe que há um estilo de cabelo ideal, curto e liso. Nos últimos anos houve maior valorização dos cabelos ondulados e crespos, porém isso não necessariamente elimina todo o preconceito perpetuado por décadas.

Para iniciar esta atividade existe um vídeo interessante chamado “Cabelo maluco” do Canal “ Caiu um Cisco”. O vídeo traz diversas qualidades de ter um cabelo cacheado e sobre as diversas opiniões que as pessoas tem sobre seu cabelo. Após a exibição do vídeo, questionar o que as crianças acham dos seus próprios cabelos e com o que eles se parecem, e retomar que a personagem do livro Amoras compara seus cabelos com nuvens.

Em seguida, a proposta é elaborar o “cantinho da beleza”. Esta atividade foi baseada no livro Educação Infantil e práticas promotoras de igualdade Racial do Ministério da Educação (2012). A intenção é criar um espaço para as crianças cuidarem e admirarem seus cabelos. No cantinho da beleza deve se ter objetos e produtos que

contemplem a todos, como cremes para todos tipos de cabelos, tiaras, tic-tac, gel, bonés, entre outros. A ideia é que se juntem crianças com diferentes tipos de cabelos, e que elas arrumem uma as outras. Durante o desenvolvimento da atividade, pode-se deixar músicas ao fundo. Sugestões de músicas são: Black Black- música infantil de respeito as diferenças e diversidade, Menina do cabelo crespo- Canal Malamalenga, Menina pretinha- Mc soffia, Duda Pimenta - Seu Cabelo.

Sugerimos incluir nos penteados o uso de tranças, que é muito utilizado pelas mulheres negras. As tranças Nagô são carregadas de significados. Antigamente foram utilizadas para mapear rotas de fuga (Silva, V., Alencar, I., & Santana, R notícia publicada no G1, 29 de março de 2019). Utilizar seus cabelos naturais é uma forma de resistir, um objeto político contra uma lógica hegemônica europeia. E isso ganhou força com o movimento Black Power que se iniciou em 1920. Logo o cabelo tem uma importância para a autoestima da população negra, além de mostrar o orgulho de seus traços e pertencimento ao grupo (Freitas, 2018).

**Quarto encontro:** Este encontro tem como objetivo promover mais conhecimentos sobre a cultura negra. A proposta é que isto seja feito por meio de um jogo de perguntas, pois o entretenimento além de divertir também ajuda as crianças a pensarem e aprenderem. Pode-se dividir a sala em grupos. O jogo trabalhará de forma mais aprofundada algumas questões levantadas no livro Amoras, como pessoas negras importantes na luta do movimento negro.

1-Sobre a África podemos afirmar:

A-É um país, assim como o Brasil

B- É um continente formado por 54 países. (Correta).

2- Vocês sabem o que são quilombos?

A- Moradia de negros na África.

B- A casa que moravam as pessoas brancas por volta de 1700.

C- Era o refúgio dos escravos fugitivos, houve milhares de quilombos no Brasil (Correta).

3- Vocês sabem quem foi Zumbi dos Palmares?

A-Lutou para que os negros africanos continuassem a serem escravizados.

B- Ele lutou bravamente pelo fim da escravidão.

C- Foi um grande guerreiro brasileiro, um dos primeiros líderes do quilombo dos palmares (Correta).

4 - Dandara Palmares, foi esposa de Zumbi, e juntos tiveram três filhos. Ela foi uma das lideranças femininas, que lutou contra o sistema escravocrata, e auxiliou nos planos de ataques e defesa do quilombo. Este texto é verdadeiro ou falso. (V).

5- O que aconteceu com os negros após serem libertados:

A-Conseguiram ter suas próprias fazendas, devido ao conhecimento anterior trabalhando nelas.

B-Foram trabalhar nos comércios das cidades brasileiras.

C- Foram excluídos da sociedade, não podendo estar em escolas e não ter acesso aos mesmos direitos civis. (Correta).

6- Houve brasileiros que lutaram pela libertação dos escravos?

A-Ninguém se importou com a condição de escravo do Brasil.

B- Apenas a princesa Isabel

C-Maria Tomásia foi uma mulher que, em 1892, ajudou na fundação da Sociedade das Cearenses libertadoras e conquistou 72 cartas de alforria. (Correta).

7- Quem foi Martin Luther King?

A-Ele lutou contra o fim da escravidão no Brasil.

B-Ele lutou contra leis que excluía os negros dos seus direitos, principalmente no sul dos Estados Unidos (Correta).

C-Ele fez um boicote ao transporte dos Estados Unidos, no qual os negros deveriam ceder seus lugares aos passageiros brancos.

8- Quem foi Nelson Mandela?

A-Ele lutou contra a segregação racial na África (Correta).

B-Ficou na prisão perpétua por 10 anos.

C-Ex-presidente dos Estados Unidos que lutou por uma sociedade que os negros tivessem os mesmos direitos que os brancos.

**Quinto Encontro:** Tem como objetivo continuar o jogo de perguntas sobre a cultura afro-brasileira promovendo discussão sobre os tópicos.

1 -É uma luta acompanhada por uma dança. Forma-se uma roda, e toca-se alguns instrumentos como berimbau, cantos e palmas acompanham. Até 1930 era proibida no Brasil:

A- Karatê B- Sumô C Capoeira(certa) D- Jiu- Jitsu

2-Na nossa língua portuguesa, algumas palavras são oriundas das línguas africanas. Assinale a alternativa correta:

A-Canjica, feijão, miçanga e banguela.

B- Arroz, samba, colar, senzala.

C- Acarajé, farofa, berimbau, marimbondo. (Correta).

3- Qual influência da arte africana no vestuário dos brasileiros:

A-O uso de saias rodadas

B- Uso de vestidos longos

C- Uso de listras, traços e estampas (Correta).

4- Três destes ingredientes foram acrescentados a comidas e enriqueceram a culinária afro-brasileira. Marque a alternativa que o alimento não faz parte.

A-Pimenta

B-Alho e cebola (Correta).

C-Azeite de dendê

D- Castanha

5- Qual influência da arte africana no vestuário dos brasileiros:

A-O uso de saias rodadas

B- Uso de vestidos longos

C- Uso de listras, traços e estampas. (Correta)

6- Escolha a opção correta sobre o uso de turbantes:

A-Seu uso se deu apenas no continente africano.

B-Ele é mais do que um acessório de moda, para os africanos ele é utilizado para proteger a cabeça que representa os pensamentos e fé no divino.

C-Existe mais de um jeito de usar o turbante como o turbante retrô, faixa, ponta enrolada, cabelo inteiro (Correta).

**Sexto encontro:** Tem como objetivo apresentar atividades e jogos africanos compreendendo que as crianças também aprendem por meio de brincadeiras. Sugerimos também que haja um espaço destinado para bonecos e bonecas negras, isto é importante para que as crianças vejam diversidade em seus brinquedos. Enquanto a maioria da turma ficará com as brincadeiras organizadas pelos profissionais, outros jogarão jogos de tabuleiros, que podem ser facilmente confeccionados à mão.

O primeiro jogo chama-se Mancala, descrito por Paz (2017). É para dois jogadores. O jogo tem total relação com a colheita e a semeadura. O tabuleiro é composto de duas filas com seis casas cada e com uma casa a mais chamada de kallah, que é onde cada jogador guarda sua colheita. Pode ser feito com caixas de ovo. Possui 48 sementes que podem ser grãos de feijão ou tampas de garrafas pets. Distribui-se 4 sementes em cada casa, menos nas kallah. O jogo consiste em pegar as sementes de uma das casas e distribuí-las, sempre no sentido da esquerda para a direita, colocando uma semente em cada casa. Não se pode colocar semente na kallah de outro jogador. Se durante a distribuição a última semente cair na kallah do jogador, ele poderá jogar novamente. A colheita é feita pela distribuição de sementes na kallah ou por capturas. Elas só irão ocorrer quando se coloca uma semente em um espaço que estava vazio, e como consequência se pega todas as sementes da casa que está em sua frente. O jogo termina quando as casas de um dos jogadores estão todas sem sementes. Vence quem tiver mais grãos em sua kallah.

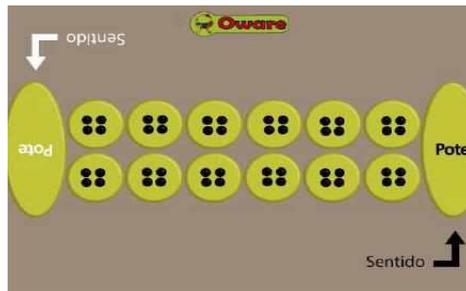


Figura 1. Mancala. Cunha, A. D (2016).

O segundo jogo é Corrida da Hiena, um jogo de tabuleiro popular no Sudão. Klisys (2012) explica que o jogo consiste em uma história infantil em que mães vão buscar água em uma nascente. O objetivo do jogo é cada jogador escolher um peão, que representa uma mãe que deve ir à nascente e voltar para a aldeia o mais rápido possível. Quem voltar para aldeia antes, troca a mãe por uma hiena. Ao virar hiena, ela deve tentar capturar o maior número de mães possível e, para isto, basta cair em uma casa já ocupada por elas. As mães se movimentam de acordo com pontuação obtida com o lançamento dos dados, e só poderá sair da aldeia e também da nascente do lago quem tirar o número 6. As mães que conseguirem chegar à aldeia não ganham e nem perdem, apenas estão salvas. O tabuleiro pode ser feito em uma cartolina, desenhando as casas.



Figura 2. Jogo da Hiena. Cunha, A. D (2016).

Cunha e Freitas (2010) descreveram alguns jogos infantis africanos e afro brasileiros. Um exemplo é o jogo nigeriano chamado “saltando o feijão”. Deve-se escolher um jogador para ficar com uma corda girando no chão, os outros jogadores formarão um círculo em volta dele e devem pular para não serem atingidos pela corda. Quem for atingido pela corda sai do jogo. Tem também o jogo Da Ga, que significa jiboiá. Forma-se no chão um quadrado ou um retângulo, e escolhe-se uma pessoa para ficar dentro e esta será a serpente. Todos ficam em volta do quadrado e tentam não ser tocados pela cobra, se forem tocados se unem a ela. Unindo-se a cobra ficam de mão dadas e com as mãos livres tentam tocar outros jogadores.

**Encontro de finalização:** Este encontro tem como objetivo o encerramento das atividades, de modo que as crianças possam produzir em conjunto o que aprenderam. Este é um momento importante pois muitos assuntos foram apresentados, e pode facilitar que as crianças consigam pensar sobre tudo que foi conversado, seus sentimentos, suas opiniões. Ele pode ser feito dando um papel pardo grande e que todas desenhem sobre as intervenções feitas. Uma outra possibilidade é que cada uma escolha palavras que representem o que eles aprenderam e sentirão, e fazer como se fosse um árvore da sabedoria, e as palavras representem as folhas.

## **5- PROPOSTA DE INTERVENÇÃO A PARTIR DO LIVRO COISAS DE ÍNDIO**

**Primeiro encontro:** Será explicado para as crianças que irão ser realizadas atividades sobre os povos indígenas. Este primeiro encontro será apresentando o livro Coisas de Índio, com objetivo de desfazer mitos sobre os povos indígenas e também levar a reflexão sobre violências que eles têm sofrido.

Daniel Munduruku, o escritor do livro, inicia logo após o Sumário com uma seção que intitulada “Um recado do autor”, uma forma fascinante de apresentar o tema. Ele conta sobre os estereótipos sobre ser indígena, convida os leitores a perceberem as diferenças que existem na própria sociedade, fala sobre a violência sofrida e resistência. Também ensina porque usar o “termo índio” é ofensivo.

Após este primeiro momento, é importante ouvir o que as crianças conhecem, se elas sabem quem são os povos indígenas, como vivem, o que acharam do Recado. Em seguida, apresentaremos um vídeo gravado poucos meses atrás chamado “A mãe do Brasil é indígena” narrado pela cantora Maria Bethânia. Um vídeo curto, exalta a presença dos povos indígenas na cultura brasileira, e a falta de reconhecimento pelo restante dos brasileiros. Novamente, será aberta uma roda de conversa com as crianças, trazendo questionamentos sobre sua opinião, reflexões e sentimentos sobre essa violência que aparece nas duas obras apresentadas, se eles sabem o que está acontecendo, o que acham de dizer que a mãe do Brasil é Indígena. Uma pergunta importante também é sobre se já viram pessoas indígenas na cidade, trabalhando no comércio.

**Segundo encontro:** Tem como finalidade apresentar a arte dos povos indígenas. É importante explicar aos alunos, assim como diz Munduruku (2019), que a arte indígena não se limita a belos cestos enfeitados com penas de ave. Há também a confecção de redes, panos, cerâmicas e outros objetos. Os Karajás produzem belas bonecas e animais de barro. No Xingu, é comum as mulheres confeccionarem panelas, para cozinhar mandioca ou armazenar água. Logo, a arte indígena é diversa e rica em seus detalhes. Durante esta explicação, mostrar imagens pode contribuir muito.

O grafismo indígena é uma manifestação cultural e é utilizado nas pinturas corporais, cestarias, cerâmicas, entre outros. O grafismo nas pinturas corporais é mais do que hábito estético, possui um valor simbólico e pode ser uma forma de comunicação que indica qual a etnia, gênero, faixa etária e grupo dos sujeitos (VIDAL, 2000). As crianças desde pequenas tem contato com a arte, e as técnicas do grafismo corporal são passadas

ao longo das gerações através da oralidade e atividades do cotidiano. Os grafismos podem variar entre os povos indígenas e seus significados também. Por exemplo, a pintura Xavante utiliza um retângulo duplo, sobre o estômago e as costas, que simboliza o caráter humano. Os pataxós, no ritual na época da lua cheia, têm seus corpos e rostos pintados de brancos e desenham um V grande de vermelho ou preto no rosto (Predes e Zorzo, 2011).

Para este encontro iremos usar como referência a arte Marajoara, seus grafismos e sua cerâmica. Para isto sugerimos o vídeo “Série Indígenas: Cerâmica Marajoara”. Para a atividade é necessário uma folha de papel sulfite, latinha, cola e lápis coloridos. As crianças irão produzir os grafismos utilizando na cerâmica Marajoara.



Figura 3. Cerâmica Marajoara.Série Indígenas: Cerâmica Marajoara, 2020.

**Terceiro encontro:** Tem como objetivo promover mais conhecimento sobre a cultura dos povos indígenas, por meio de um jogo de perguntas. A sugestão é dividir a sala em dois grupos e ganhará quem fizer mais pontos. No final do jogo pedir que eles escrevam e desenhem aquilo que aprenderam. Propomos tal atividade, devido ao jogo ter muitas informações e isto será uma forma de avaliar o quanto eles aprenderam, lembrando que não haverá textos corretos ou incorretos, apenas gostaríamos de ter uma produção que expresse a compreensão de cada aluno sobre o tema. As perguntas podem ser divididas entre dois encontros, devido ao número grande de questões.

1-Como são os casamentos entre os povos indígenas?

A-Eles precisam namorar por muitos anos para depois o Pajé ver se devem se casar ou não.

B-Normalmente são casamentos que os pais que escolhem os parceiros dos filhos (Correta).

C- Para um casal para ser considerado noivo, ambos precisam ter mais que vinte e cinco anos.

2-Existe divórcio nos casamentos dos povos indígenas?

A-Não é permitido que um casal se separe depois de casar, por ser um ritual sagrado.

B-O casal pode se separar se a comunidade permitir.

C-Alguns casamentos não dão certo e sempre há a possibilidade de separação, cada povo tem sua maneira de resolver a questão (certa).

3-Como se dá a relação entre os bebês e as mães dos povos indígenas?

A-A relação entre a mãe e o bebê é distante. Se choram, as crianças não são atendidas imediatamente.

B-A mãe fica com a criança na hora de mamar, no resto do dia fica mais com as anciãs, enquanto fazem suas tarefas normalmente.

C-O bebê nunca sai de perto da sua mãe ou afasta-se dela na aldeia, para qualquer lugar que a mãe vá, ela o carrega, se vai para o rio, ela o carrega (Correta).

4-Como é o pai na cultura indígena?

A- Quando nasce o bebê, o pai deixa por um tempo todas as atividades fora da aldeia para ficar junto com ele.

B-Apenas a mãe fica com o bebê, só quando estão mais velhos eles se aproximam do pai, para que eles aprendem os deveres da aldeia.

C-O pai também é responsável pelo seu filho sempre que não está em uma atividade fora, fica pertinho deles brincando na rede (Correta).

5- As crianças são muito importantes para a vida na aldeia. Na medida em que crescem, os adultos passam a pedir às crianças pequenas tarefas, como buscar água. Elas irão depois trabalhar com as mães na roça, na coleta e na produção de alguns alimentos como a farinha de mandioca, cuidar dos animais, ajudar a cuidar dos irmãos menores. Há coisas feitas pelos adultos e as crianças observam, mas não passivamente. Por exemplo se os

adultos se reúnem para discutir algum problema, as crianças também fazem uma discussão entre elas. Esse texto é verdadeiro ou falso? (Verdadeiro).

6-Nas sociedades indígenas o trabalho é bem dividido. Todos sabem o que é tarefa para homem é o que é tarefa para mulher. Normalmente, o homem abastece a família com carne de caça e pesca, defende a aldeia de qualquer tipo de perigo e prepara o terreno para a plantação. As mulheres preparam os alimentos, plantam e colhem, confeccionam redes e outros objetos. Elas também tomam conta das crianças pequenas e cuidam da casa. Esse texto é verdadeiro ou falso? (Verdadeiro).

7-Como é a divisão de comida/ bens/ dinheiro na comunidade?

A-Cada família tem sua porção de terra para cultivar, e o homem é responsável pela pesca e caça de alimentos que podem ser compartilhados na comunidade.

B-Nas comunidades indígenas não existe acúmulo de riquezas ou propriedade individual, tudo que está na natureza pertence a todos. E cada família produz o que precisa (certa).

C-Em cada comunidade há figuras mais importantes e estes detêm a maior parte dos produtos.

8-Na atualidade houve mudanças para os povos indígenas no trabalho?

A-Não houve mudança, à medida que a porção de suas terras são garantidas por lei e ninguém invade seu território.

B- Houve mudanças, pois com o contato com os povos das cidades, os indígenas passaram a ter interesse na compra de alguns produtos, como alimentos, utensílios.

C-A realidade é bem diferente da vivida do passado, hoje há casos de pobreza e fome, escassez de vegetais e animais que faziam parte da alimentação. Eles possuem um espaço cada vez menor e mais restrito para viver (Certa).

9-Sobre a língua dos povos indígenas:

A-Todos os povos indígenas falam a mesma língua, que é o Tupi.

B-O Tupi foi tão importante e tão usado, que os portugueses consideraram como a segunda língua da nação, depois do Português.

C-É um erro pensar que existe uma única língua falada por todos os povos indígenas. Existem aproximadamente 274 línguas indígenas (certa).10-Qual dessas alternativas possuem palavras oriundas do Tupi:

A- Pipoca, peteca, urubu, Ipanema, Curitiba (Certa).

B- Curumin, bola, amora, Paraná.

C-Tapioca, abóbora, Pará, corda.

11-A farmácia indígena é a natureza. É da natureza que os indígenas tiram tudo o que precisam para tratamentos. Todos na comunidade indígena têm conhecimentos sobre plantas e as ervas medicinais. Dessa forma, tão logo haja manifestação de alguma doença, busca-se imediatamente a cura na natureza. Esse texto é verdadeiro ou falso? (Verdadeiro).

12- Sobre a saúde dos povos indígenas, atualmente:

A-Os povos indígenas continuam se baseando apenas nas plantas medicinais e ervas para tratar suas doenças.

B-Apesar de todo o conhecimento das plantas e das ervas, eles têm necessidade de outros remédios devido às doenças que foram introduzidas pelos brancos (Certa)

C-Tem havido uma falta de plantas e ervas medicinais e isso afeta a saúde deles.

13-Sobre a música e a dança para os povos indígenas.

1- Os povos indígenas sempre cantam e dançam por algum motivo, como forma de manter unido o povo e manter viva a alegria da comunidade.

2-Muitas vezes, a música vem dos sonhos, como para os Munduruku e os Xavantes. Depois que a música é sonhada, o sonhador apresenta-a à comunidade que irá aprová-la ou não. 3-Os povos nativos acreditam que a música é a forma como os espíritos se comunicam com os vivos

De acordo com as afirmações:

A-Todas as alternativas estão corretas (Certa)

B- Apenas a 1 e a 2 estão corretas.

C-Apenas a alternativa 1 e 3 estão certas

14- Quais as qualidades para ser escolhido como chefe de uma sociedade indígena?

A-Não precisa necessariamente falar bem em público.

B-Conhecer um pouco as histórias e tradições do seu povo.

C-Ser trabalhador e dar o exemplo para que outros o sigam e cumpram o que ele mandar (Correta).

15- Como o chefe age diante da comunidade?

A-Ele tem o poder supremo, em qualquer decisão a escolha dele prevalece.

B-Ele nunca age sozinho, se suas decisões não agradarem o povo, ele pode perder seu prestígio (Correta).

C-Ele só participa em decisões mais importantes, como brigas na aldeia ou disputas de poder.

16- Qual o significado do trabalho para os povos indígenas?

A-Eles trabalham visando ganhar dinheiro.

B-O trabalho para eles significa a divisão de tarefas para gerir sua sobrevivência, os alimentos, as confecções, a segurança da aldeia e educação das crianças (Correta).

C-Eles ficam trabalhando quase o dia inteiro, não tendo tempo para brincar e conversar com seus filhos, dançar e cantar.

17-Quanto à Terra e ao conhecimento da natureza, escolha a incorreta:

A-Os povos indígenas consideram a terra como uma grande mãe, que os alimenta e lhes dá vida.

B-A terra para eles não é apenas uma propriedade, mas a morada dos mortos e dos espíritos.

C-Os povos indígenas fazem uso da natureza, e muitas vezes eles são os próprios responsáveis pelos desmatamentos das florestas (Correta).

18-Sobre os ritos de passagem:

1-Os rituais de passagem servem para diferenciar a criança do adulto.

2- Muitos povos indígenas não abandonaram seus rituais de passagem em função do contato com outras culturas.

3- São rituais que às vezes são bem doloridos, sendo preciso ser forte e resistente para aguentar a dor e sofrimento e, assim, ser considerado digno de pertencer ao povo indígena.

4- Os Saterê-Mawé quando são adolescentes têm que provar sua coragem colocando as mãos em uma luva de palha cheia de formigas com picadas doloridas.

Dentre as alternativas:

A-Todas estão corretas (Correta).

B- Apenas a 1, 2 e 3 estão corretas.

C-Apenas a 1, 3 e 4 estão corretas.

19- Sobre os rituais de morte, escolha a alternativa que está incorreta:

A-Nenhum dos povos indígenas crêm na reencarnação (Correta).

B- Alguns povos indígenas enterram os mortos dentro de casa e com seus pertences.

C-Alguns povos indígenas enterram seus mortos com alimentos, para facilitar a viagem da alma até o local do descanso final.

20- Sobre as terras indígenas, assinale a alternativa incorreta:

A-Não existe nenhum conflito entre os povos indígenas e o resto da população, eles têm suas terras garantidas por lei (Certa).

B-Os povos indígenas não são respeitados, tendo suas terras constantemente invadidas e destruídas.

C- A população não indígena, em sua maioria, acredita que os povos indígenas devem ser educados para viver nos centros urbanos, pois sua cultura é ultrapassada.

**Quarto Encontro:** Tem como objetivo apresentar mitos indígenas. Munduruku (2019) diz que os mitos indígenas são histórias em que os povos indígenas explicam como surgiu o universo e a humanidade, bem como formas da sociedade se organizar.

A ideia é que sejam apresentados alguns mitos indígenas às crianças. Existem diversos mitos indígenas que podem ser apresentados às crianças, mas a nossa sugestão é

“O jabuti e a onça pintada” do canal da Prô Thais Regina e “ Lenda indígena: Como surgiu a noite, história contada por origamis”. Procurar por mitos diferentes daqueles que são frequentemente contados nas escolas, contribui para que se conheça a diversidade da cultura dos povos indígenas. Importante explicar que o termo mito não significa que seja uma invenção, uma mentira. Após a apresentação, cada criança escolhe qual mito mais gostou, e se juntem com as de interesse em comum, para fazer alguma representação, pode ser pintura, desenho, um poema.

**Quinto encontro:** Neste encontro serão propostas brincadeiras típicas das crianças indígenas, algumas inclusive já conhecidas, mas cuja origem é desconhecida. Munduruku (2019) diz que as crianças indígenas geralmente brincam em grupos, e quem fabrica seus brinquedos são seus pais. São muito cuidadosos com seus brinquedos e, se quebram, eles tentam arrumar utilizando palhas, cipós e folhas. Nunca jogam um objeto fora.

A sugestão é que está atividade seja feita em uma área externa, como na quadra por exemplo, e pode-se ter ajuda do professor de educação física. No site Portal de Notícias (2020) eles trazem alguns jogos comuns entre as crianças indígenas como peteca, jogo do pião que pode ser feito com tampinhas de garrafa pet e palitos de dente. A corrida do saci, cujo objetivo é correr com uma das pernas levantadas, e ganha quem chegar primeiro. Outra brincadeira se chama gaviões e passarinhos, escolhe se um ponto e desenha um x o chão onde todos os passarinhos devem ficar no início. O jogo começa quando eles batem a asa e chama o gavião, e quando o gavião se aproxima eles devem correr. É semelhante a brincadeira pique-pega, os crianças ficam seguras se conseguirem voltar para o X que simboliza o ninho do passarinho. Mas caso alguém seja pego pelo gavião, ele os leva para o seu ninho, e de lá não podem mais sair. Ganha o último passarinho que resta no jogo, e na próxima rodada será o gavião.

O Jogo da onça é um jogo de tabuleiro que pode ser confeccionado. Há 15 peças no jogo, uma azul que é a onça e 14 vermelhas que são os cachorros. O objetivo da onça é poder comer pelo menos seis cachorros, e o objetivo dos cachorros é cercar a onça. A onça come os cachorros quando ela salta sobre eles, semelhante ao jogo de damas. Os cachorros ganham quando eles cercam a onça de modo que ela fica sem movimento (Klisy, 2012).

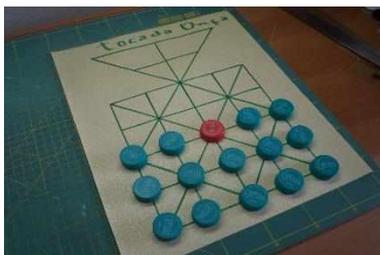


Figura 4. Jogo da Onça. Clube do Tabuleiro de Campinas, 2016.

Na segunda parte da atividade, pode-se convidar uma nutricionista para auxiliar na exibição dos alimentos e explicação. Munduruku (2019) diz que a maioria dos povos indígenas se alimenta das carnes das suas pescarias e raízes, como mandioca, batata-doce, inhame, e frutas como cupuaçu, melancia, mamão, amendoim. A mandioca é a base da culinária indígena, o preparo para seu consumo exige uma técnica complexa que requer tempo e uso de instrumentos adequados. O milho ficou muito conhecido pelos europeus que passaram a incorporá-lo em suas receitas, como canjicas, pamonhas, broas, pipoca. A intenção é que sejam levados às crianças alguns alimentos, explicando seus benefícios e como compõem a culinária indígena. Uma sugestão é levar pipoca, canjica, bolos de milho, castanhas e frutas como melancia, banana, cupuaçu.

**Encontro de finalização:** Este encontro tem como objetivo que as crianças reflitam e discutam em grupo sobre tudo que aprenderam a respeito dos povos indígenas. Será solicitado que elaborem uma carta coletivamente explicando sobre os aprendizados e sobre a importância de que os povos indígenas sejam respeitados. O coordenador da atividade se encarrega de organizar e redigir as ideias manifestadas pelas crianças, com o auxílio de uma lousa. Ao final, os estudantes podem fazer a cópia do texto elaborado coletivamente e cada criança entregará a carta para um membro da família. Pode-se sugerir que as crianças façam um desenho para entregar junto com a carta. A intenção é que outras pessoas do convívio da criança também possam se beneficiar, formando assim um fluxo de informações.

## **6- CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao analisar a história da população negra e dos povos indígenas no Brasil, compreendemos que eles foram segregados, excluídos, taxados como inferiores, e tudo isso não foi superado em nossa sociedade atual, sendo estas populações vítimas de muito racismo e outras formas de violência. Além de terem condições socioeconômicas muito diferentes das dos brancos, por exemplo, salários mais baixos, acesso à educação dificultado, moradias mais precárias, entre outros. Nas escolas brasileiras as condições não são diferentes, pois as crianças reproduzem os pensamentos e modos culturais aprendidos em seu convívio com os demais.

A presença da violência no contexto escolar gera impactos na aprendizagem e também na autoestima de alunos e professores. Nas pesquisas citadas percebemos que muitos professores não reconhecem suas frases e ações como sendo racistas. As crianças negras não se sentem representadas, nos conteúdos escolares há uma predominância de figuras brancas e da história do europeu. E, assim, as crianças negras negam sua própria identidade e desejam ser diferentes. Frequentemente, os povos indígenas são vistos pelas crianças nas escolas como primitivos, os livros didáticos falam apenas no passado deles e apenas são lembrados na escola no dia do Índio, muitas vezes por celebrações reducionistas e estereotipadas. A maioria das crianças não tem contato com a cultura afro-brasileira e a cultura indígena, não conhecem seus antepassados, os hábitos, crenças, costumes, estão totalmente imersas em uma cultura branca e por vezes europeia.

Visando superar estes aspectos, o trabalho teve como objetivo elaborar propostas de intervenções para o combate ao racismo e outras formas de violência e maior valorização da população negra e dos povos indígenas. Compreendendo que o papel do psicólogo escolar possa ser realizado no sentido de compor intervenções com todos os participantes da comunidade escolar, que visem relações respeitadas e emancipatórias nas escolas, buscando que todos possam ter uma reflexão crítica sobre os fenômenos sociais que compõem o preconceito e outras formas de violência.. Importante que a escola também adote outros modos de continuar tratando este tema, para que a intervenção não s torne uma ação isolada. É fundamental que se articule com os conteúdos trabalhados, com as propostas pedagógicas e com o cotidiano da escola de modo mais amplo.

Foram utilizados nessas propostas de intervenções dois livros, um para cada tema, e montados cinco encontros para cada intervenção. Utilizou-se da contação de histórias, jogos, desenhos, brincadeiras, rodas de conversas.

Há vários modos de elaborar intervenções com as crianças e escolhemos a literatura infantil. Acreditamos na potência da literatura em ensinar a diversidade, o respeito, empatia, ajudando a criança a refletir mais criticamente sobre sua realidade. Ela também pode ajudar que crianças negras se sintam mais representadas e possam sentir mais amor próprio. Além, de trazer elementos para que as crianças passem a questionar onde estão os povos indígenas e porque devemos lutar junto com eles.

As propostas de intervenções foram baseadas na Teoria Histórico-Cultural. Compreendendo que somos seres sociais e que a cultura nos constitui e nos transforma. E partindo do pressuposto de que a escola tem uma função que vai além do ensino científico, também ajuda na nossa humanização. Logo, toda nossa vivência no contexto escolar possibilita que aprendamos valores e hábitos culturais, e isso constitui nosso desenvolvimento. Por isso, a importância de intervenções que façam uma análise reflexiva e crítica da nossa cultura, pois ela não está isenta de preconceito e racismo.

E porque não utilizar da arte para compor um o processo de constituição psíquica que não seja tão preconceituoso, segregado e violento? Vigotski fala sobre o poder que a arte tem de mudar nossa forma de ver o mundo, as pessoas e nós mesmos. Ela permite despertar sentimentos até então desconhecidos e tem um papel transformador. Logo, as crianças terão oportunidades, com as intervenções propostas, de desenhar, ler livros, ouvir músicas, ouvir histórias de outros povos, de internalizar estes elementos sociais e culturais. A arte pode nos libertar.

Com isso, esperamos que este trabalho contribua para o combate ao racismo e preconceitos contra a população negra e os povos indígenas. Que possa transformar pensamentos, atitudes e modos culturais dos professores e das crianças. Esperamos, ainda, que ele desperte o desejo de outros psicólogos escolares em construir parcerias com os professores e a escola, valorizando e elaborando mais propostas de intervenções.

## REFERÊNCIAS

- Afonso, N (2019, Novembro, 20). Dia da Consciência Negra: números expõem desigualdade racial no Brasil. Folha de São Paulo.  
<https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2019/11/20/consciencia-negra-numeros-brasil/>
- Almeida, C.M.C (2013). *Racismo na Escola: um estudo da linguagem racista e de suas implicações no contexto escolar da UEB* (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, Maranhão, Brasil.  
<https://tedebc.ufma.br/jspui/handle/tede/260>
- Allport, G. W. (1954). *The nature of prejudice* (3a ed.). Wokingham: Addison-Wesley.
- Amaral, P.S (2011) Módulo 2- A história do negro no Brasil. Curso de Formação para o Ensino de História e Cultura Afro- Brasileiras.  
[http://biblioteca.clacso.edu.ar/Brasil/ceao-ufba/20170829034517/pdf\\_242.pdf](http://biblioteca.clacso.edu.ar/Brasil/ceao-ufba/20170829034517/pdf_242.pdf)
- Barros, Z.(2005). Escola, racismo e violência. In: Projeto Gênero, Raça e Cidadania no Combate à Violência nas Escolas – Caderno para Professores, 35-39.
- Bernardino, J. (2002). Ação afirmativa e a rediscussão do mito da democracia racial no Brasil. *Estudos afro-asiáticos*, 24(2), 247-273. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-546X2002000200002>
- Carneiro Filho, A., & Souza, O. B. D. (2009). Atlas de pressões e ameaças às terras indígenas na Amazônia brasileira. Cartô Brasil Socioambiental. São Paulo, Instituto Socioambiental, n.1. <https://www.socioambiental.org/pt-br/o-isa/publicacoes/atlas-de-pessoas-e-ameacas-as-terras-indigenas-na-amazonia-brasileira>
- Cavalleiro, S. E. (1998). *Do silêncio do lar ao silêncio escolar: Racismo, Preconceito e discriminação na Educação Infantil* (Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação, São Paulo).
- Cavalleiro, R. M., & COSTA, F. L. D. (2012). A temática indígena no livro didático. <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/730-4.pdf>
- Coelho, L., & Pisoni, S. (2012). Vygotsky: sua teoria e a influência na educação. *Revista e-PED*, 2(1), 144-152. [http://facos.edu.br/publicacoes/revistas/e-ped/agosto\\_2012/pdf/vygotsky\\_-\\_sua\\_teorja\\_e\\_a\\_influencia\\_na\\_educacao.pdf](http://facos.edu.br/publicacoes/revistas/e-ped/agosto_2012/pdf/vygotsky_-_sua_teorja_e_a_influencia_na_educacao.pdf)
- Conselho Federal de Psicologia (2015). Preconceito e Violência na escola contribuições da psicologia. <https://site.cfp.org.br/publicacao/pesquisa-violencia-e-preconceitos-na-escola/>
- Costa, R (2019, Agosto, 16). Bolsonaro:” Não tem demarcação de terras indígenas”. *Correio Brasiliense*.  
[https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2019/08/16/interna\\_politica,777556/bolsonaro-diz-que-nao-discutira-demarcacao-de-terras-indigenas.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2019/08/16/interna_politica,777556/bolsonaro-diz-que-nao-discutira-demarcacao-de-terras-indigenas.shtml)
- Crochík, J. L. (1996). Preconceito, indivíduo e sociedade. *Temas em psicologia*, 4(3), 47-70.

- Cunha, D. A (2016). Mancalas e tabuleiros africanos: contribuições metodológicas para educação intercultural. (1 edição). Castanhal.  
[https://livroaberto.ufpa.br/jspui/bitstream/prefix/666/1/Livro\\_MancalasTabuleirosAfricanos.pdf](https://livroaberto.ufpa.br/jspui/bitstream/prefix/666/1/Livro_MancalasTabuleirosAfricanos.pdf)
- Dantas, C (2020, Agosto,30). Casos de violência dobram e invasões de terras indígenas crescem 135% entre 2018 e 2019”. G1.  
<https://g1.globo.com/natureza/noticia/2020/09/30/casos-de-violencia-dobram-e-invasoes-de-terras-indigenas-crescem-135percent-entre-2018-e-2019-diz-conselho.ghhtml>
- Domingues. (2005). O mito da democracia racial e a mestiçagem no Brasil (1889-1930). Diálogos Latino Americanos, n.10, 117-131.  
<https://www.redalyc.org/pdf/162/16201007.pdf>
- Feitosa, J. F. C (2012). “*Aqui tem racismo*”: Um estudo de representações sociais e das identidades de crianças negras na escola (Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas).  
<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/250918>
- Freire, J. R. B. (2016). Cinco ideias equivocadas sobre os índios. O saber construído a partir de nós. Caderno CENESCH, (1), 3-23.  
[https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/2534828/mod\\_resource/content/1/Cinco%20ideias%20equivocadas%20sobre%20o%20indio%20.pdf](https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/2534828/mod_resource/content/1/Cinco%20ideias%20equivocadas%20sobre%20o%20indio%20.pdf)
- Freitas, S. C. G (2018). Cabelo Crespo e Mulher Negra: a relação entre cabelo e a construção da identidade negra. Revista Idealogando,v2, n2, p-65-87.  
<https://periodicos.ufpe.br/revistas/idealogando/article/view/238062>
- Heck, E., Loebens, F., & Carvalho, P. D. (2005). Amazônia indígena: conquistas e desafios. Estudos avançados, 19(53), 237-255. <https://doi.org/10.1590/S0103-40142005000100015>
- Honorato, I. C., & Muller, T. R. (2015). Entre cinderelas negras, meninas bonitas e cabelos de Lelê: o papel da Literatura Infantil na implementação da Lei 10.639/2003. TEXTURA-Revista de Educação e Letras, 17(34).  
<http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/1375>
- Lima,M.K. H (2016). *A importância de trabalhar o ensino de história e da cultura afro-brasileira e africana em sala de aula* (Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal da Paraíba, Centro de Educação, Cabeceiras).  
<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/3403>
- Lima, M. E. O., & Vala, J. (2004). As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. *Estudos de psicologia (Natal)*, 9(3), 401-411.
- Magalhães, L. H. (2012). O índio brasileiro no livro didático. *História & Ensino*, 6, 73-89.  
<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/viewFile/12391/10835>
- Conselho Indigenista Missionário (2018). Relatório: Violência contra os povos indígenas no Brasil, dados de 2018.

- Muller, P. M. T., & Santos, R. L. J. (2013). A presença/ausência da história e da cultura negra na escola. In Muller, P. M., T & Coelho, B. N. W (Orgs). *Relações Étnico-Raciais e Diversidade*. Niterói. Editora Alternativa, Editora da UFF.  
file:///C:/Users/User/Downloads/RELACOES\_ETNICO\_RACIAIS\_E\_DIVERSIDADE.pdf
- Nunes, R. B. (2013). Tentando entender a diferença: Por que afrodescendente e não negro, pardo, mulato, preto?. In *I Congresso da UFPI sobre gênero, educação e afrodescendência: experiências e conquistas*.
- Pessoa, T. S. (2014). *Psicologia Educacional e Escolar: inspirando ideias para a Formação Continuada de Educadores por meio da Arte* (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Psicologia, Uberlândia)  
Gerais <http://clyde.dr.ufu.br/handle/123456789/17216>
- Ribeiro, D. (2019). *Pequeno Manual Antirracista*. São Paulo. Companhia das Letras.
- Rodrigues, R. C. (2017). A lei 11.645/08 e os seus desdobramentos para a questão indígena nas práticas educativas. *Interletras* 6(24).  
[http://www.interletras.com.br/ed\\_antiores/n24/conteudo/artigos/A1.pdf](http://www.interletras.com.br/ed_antiores/n24/conteudo/artigos/A1.pdf)
- Russo, K., & Paladino, M. (2016). A lei n. 11.645 e a visão dos professores do Rio de Janeiro sobre a temática indígena na escola. *Revista Brasileira de Educação*, 21(67), 897-921. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782016216746>
- Saviani, D. (2011). *Pedagogia Histórico- Crítica* (11ª ed.) Campinas. Editora Autores Associados LTDA.
- Serighelli, M. A., & OLIVEIRA, L. C. (2020). A literatura infantil enquanto estratégia pedagógica no processo de formação cidadã com alunos da educação básica. *Anuário Pesquisa E Extensão Unoesc Videira*, 5, e23706. Recuperado de <https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/apeuv/article/view/23706>
- Serrati, M. S. C. (no prelo). *A Arte pede passagem: compreendendo a atuação do Psicólogo diante da Medicalização da Educação* (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Psicologia, Uberlândia).
- Silva, C. L. (2012). *Meninas negras na literatura infantojuvenil: escritoras negras contam outra história* (Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, Brasília) <https://repositorio.unb.br/handle/10482/11114>
- Silva, G. D., & Meireles, M. C. (2017). Orgulho e preconceito no ensino de História no Brasil: reflexões sobre currículos, formação docente e livros didáticos. *Revista Crítica Histórica*, 8(15), 7-30.  
[https://www.researchgate.net/profile/Giovani\\_Silva5/publication/321891126\\_Orgulho\\_e\\_preconceito\\_no\\_ensino\\_de\\_Historia\\_no\\_Brasil\\_reflexoes\\_sobre\\_curriculos\\_formacao\\_docente\\_e\\_livros\\_didaticos/links/5c27c68a299bf12be3a19cda/Orgulho-e-preconceito-no-ensino-de-Historia-no-Brasil-reflexoes-sobre-curriculos-formacao-docente-e-livros-didaticos.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Giovani_Silva5/publication/321891126_Orgulho_e_preconceito_no_ensino_de_Historia_no_Brasil_reflexoes_sobre_curriculos_formacao_docente_e_livros_didaticos/links/5c27c68a299bf12be3a19cda/Orgulho-e-preconceito-no-ensino-de-Historia-no-Brasil-reflexoes-sobre-curriculos-formacao-docente-e-livros-didaticos.pdf)
- Silva, V., Alencar, I., & Santana, R (2019, Março, 29). Afrojob: empreendedores apostam em tranças e turbantes para abordar resistência e identidade do povo negro.

<https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2019/03/29/afrojob-empendedoras-apostam-em-trancas-e-turbantes-para-abordar-identidade-e-resistencia-do-povo-negro.ghtml>

Souza, F. D. S., & Pereira, L. M. D. S. (2013). Implementação da Lei 10.639/2003: mapeando embates e percalços. *Educar em Revista*, (47), 51-65.  
<https://doi.org/10.1590/S0104-40602013000100005>

Teixeira, M.D (2017). *Psicologia Escolar e Arte em uma instituição socioeducativa: possibilidades de interlocução* (Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Psicologia, Uberlândia,)  
<http://repositorio.ufu.br/handle/123456789/19702>

Torreão, C (2014, agosto, 3). TED - O perigo de uma história única - Chimamanda Adichie - Dublado em português.  
<https://www.youtube.com/watch?v=qDovHZVdyVQ>

Vidal, L. (2000). Grafismo indígena: estudos de antropologia estética.  
[http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Avidal-2000-grafismo/Vidal\\_2000\\_Grafismo\\_indigena\\_OCR.pdf](http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Avidal-2000-grafismo/Vidal_2000_Grafismo_indigena_OCR.pdf)

Vigotski, L. S. (2008). A brincadeira e o seu papel no desenvolvimento psíquico da criança. Prestes, Z. *Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Sociais*, 8(1), 23-36. (Obra Original Publicada em 1981).

Wajskop, G. (1995). O brincar na educação infantil. *Cadernos de pesquisa*, (92), 62-69.  
<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6208114>

Zorzo, A. F., & Predes, A. I. (2011). HAMYKAHAY- Expressão Gráfica Corporal Pataxó. XX Simpósio Nacional de Geometria Descritiva e Desenho Técnico & IX International Conference on Graphics Engineering for Arts and Design. Rio de Janeiro, RJ. <https://docplayer.com.br/16361270-Hamykahay-expressao-grafica-corporal-pataxo.html>

## APÊNDICE

### 4-Intervenções a partir do livros Amoras

Encontro um: Emicida (2018). Amoras (1 ed). São Paulo. Companhia das Letrinhas.

Encontro dois: Batichoti, J (2015). Menino de todas as cores: Varal de Histórias.  
<https://www.youtube.com/watch?v=whrqcs6R8Pw>

Encontro três: Caiu um Cisco (2020). Cabelo Maluco.  
<https://www.youtube.com/watch?v=OmwsWohxK4s>

Canal Infantil- Contação de Rua (2018, Novembro, 20). Black Black- Música Infantil de Respeito às diferenças e diversidade- dia da consciência negra.  
<https://www.youtube.com/watch?v=O9tp2lmWC-M>

Canal Malamalenga (2017, novembro, 10). Menina do Cabelo Crespo (Música Infantil) - Canal Malamalenga. <https://www.youtube.com/watch?v=wuz94jePqA0>

Correia, G.R. G. S (2016). Mc Soffia- Menina Pretinha.  
<https://www.youtube.com/watch?v=cbOG2HS1Wko>

Ministério da Educação (2012). Educação Infantil e Práticas Promotoras de igualdade racial. [https://www.avisala.org.br/wpcontent/uploads/2015/06/revistadeeducacaoinfantil\\_2012.pdf](https://www.avisala.org.br/wpcontent/uploads/2015/06/revistadeeducacaoinfantil_2012.pdf)

Pimenta, E.M (2018). Duda Pimenta - Seu Cabelo (Clipe Oficial).  
<https://www.youtube.com/watch?v=L0oFmbIlzAs>

### Encontro quatro:

Costa, C., & Rossi, A (2018, Maio, 3). Muito além da princesa Isabel, 6 brasileiros que lutaram pelo fim da escravidão no Brasil. BBC News.  
<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-44091469>

*ENEM: Martin Luther King e o movimento pelo fim da segregação racial* (2019, Maio, 19). Portal Géledes. <https://www.geledes.org.br/enem-martin-luther-king-e-o-movimento-pelo-fim-da-segregacao-racial/>

Fundação Palmares (2014, Julho, 7). Palmares Fundação Cultural. Personalidades Negras- Dandara. <http://www.palmares.gov.br/?p=33387>

*Turbante: dicas e truques de como usar o acessório* (2019, Maio, 17). Blog Meninas & Sapatos Bottero.. <https://bottero.net/blog/como-usar/turbante/>

Secretária de Educação do Estado Paraná (2010, Maio, 5). A influência africana na Língua Portuguesa.  
<http://www.educacaofisica.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=323>

Vidal, J. (2014). O africano que existe em nós, brasileiros: moda e design afro-brasileiros (1 ed). Babilônia Cultura Editorial.

Encontro cinco: Freitas, L. C., & Cunha, A. D. (2010). Apostila de jogos Infantis Africanos e Afro-brasileiros. II Semana da Consciência Negra UFPA/ Cutins. Cametá, Pará, Brasil. <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2015/11/Apostila-Jogos-infantis-africanos-e-afro-brasileiros.pdf>

Klisy, A (2017). Site Caleidoscópio, brincadeira e Arte. Jogos de Tabuleiro do Mundo. [https://www.caleido.com.br/uploads/2/2/8/0/2280950/13\\_jogos\\_de\\_tabuleiro\\_do\\_mundo.pdf](https://www.caleido.com.br/uploads/2/2/8/0/2280950/13_jogos_de_tabuleiro_do_mundo.pdf)

Paz, R (2017, agosto, 22). Blog Clickideia. Um jogo de raciocínio lógico de origem africana. <http://www.clickideia.com.br/blog/blog/mancala-um-jogo-de-raciocinio-logico/>

## **5- INTERVENÇÃO A PARTIR DO LIVRO COISAS DE ÍNDIO**

Encontro um: Munduruku, D.(2019). Coisas de Índio versão Infantil (3<sup>a</sup> ed). São Paulo. Callis.

Munduruku, D (2020). A mãe do Brasil é indígena. [https://www.youtube.com/watch?v=-6yJRt\\_GVZE](https://www.youtube.com/watch?v=-6yJRt_GVZE)

Encontro dois: Ola Museu (2020). Série Indígenas: Cerâmica Marajoara. <https://www.youtube.com/watch?v=0Ibap67JGLA>

Encontro três: Regina, T. (2020, julho, 23). O Jabuti e a Onça pintada. <https://www.youtube.com/watch?v=X-h-xIIW1aM&list=PLEmfesPzmsBc-KDW7DCx5YUigSoKCKoV8>

Araujo, A.(2020). Lenda Indígena: como surgiu a noite. História contada com origamis. [https://www.youtube.com/watch?v=tWi5i\\_pwfik](https://www.youtube.com/watch?v=tWi5i_pwfik)

Encontro cinco: *Jogo da Onça- Versão caseira* (2016, janeiro,3). Clube do Tabuleiro de Campinas. [http://clubedotabuleirocampinas.blogspot.com/2016/01/jogo-da-onca-versao-caseira\\_3.html](http://clubedotabuleirocampinas.blogspot.com/2016/01/jogo-da-onca-versao-caseira_3.html)

13 melhores jogos e brincadeiras indígenas (2020, abril, 1). Curso de Babá. <https://cursodebaba.com/brincadeiras-indigenas/>